

O BEBÊ NO SÉCULO XXI: A INTERSUBJETIVIDADE E AS TRAMAS CONSTITUTIVAS

THE BABY IN THE 21ST CENTURY: INTERSUBJECTIVITY AND CONSTITUTIVE PLOTS

EL BEBÉ EN EL SIGLO XXI: INTERSUBJETIVIDAD Y TRAMAS CONSTITUTIVAS

Cristina Gudolle Herbstrith¹

Daniela Piccoli Brasiliense²

Fernanda Dornelles Hoff³

Julia Elisabeth Salaverry Dattelkremer⁴

Juliana de Azevedo Medeiros⁵

Mariana Oliveira de Azevedo⁶

Sofia Acauan Simões Pires⁷

Resumo: O presente trabalho originou-se de um estudo em grupo, buscando aprofundar o tema da constituição psíquica em suas diferentes formas de cuidado, conforme propõe a contemporaneidade. Para isso, alguns participantes realizaram a observação de bebês em seus lares, e outros em escolas de educação infantil. A pesquisa teve como ponto de partida a forte referência dos estudos de Silvia Bleichmar sobre os movimentos fundantes do psiquismo, bem como a teoria Freudiana sobre o desamparo do início da vida. Assim, refletimos sobre a origem do sujeito, e, pensando que não basta nascer para viver, o intuito é trazer reflexões que promovam uma aproximação da complexidade e importância do imprescindível encontro do bebê com o outro, que promove ações específicas através das funções humanizantes que se

¹ Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Psicanalista. Membro efetivo da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. ORCID: 0009-0003-5281-4604. E-mail: cristinaherbstrith@gmail.com

² Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). cursando a Especialização em Psicologia Escolar e da Educação (PUCRS). ORCID: 0009-0004-1466-1798. E-mail: danielabrasiliense@gmail.com

³ Psicóloga pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Psicanalista. Membro pleno da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. Membro da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul, atual presidente do conselho. Membro da Rede Municipal da Primeira Infância em São Leopoldo. ORCID: 0000-0001-6676-5215. E-mail: fernandadh@gmail.com

⁴ Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Psicanalista em formação e membro associado da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. ORCID: 0009-0003-9892-0509. E-mail: juliadattelkremer@hotmail.com

⁵ Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Psicanalista em formação e membro associado da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. ORCID: 0009-0001-5828-470X. E-mail: julianamazevedo@hotmail.com

⁶ Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Psicanalista em formação pelo CEPdePA. ORCID: 0009-0002-5008-564X. E-mail: marianapsioliveira@outlook.com

⁷ Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). ORCID: 0009-0005-4221-7528. E-mail: sofiacauan@hotmail.com

dão na intersubjetividade. Através desses encontros, marcas de satisfação se instauram, inaugurando, dessa forma, a sexualidade do sujeito do porvir e organizando o psiquismo.

Palavras-chave: Intersubjetividade. Constituição psíquica. Relação cuidadores-bebês. Sexualidade.

Abstract: This work originated from a collaborative study aimed at examining the theme of psychic constitution in its various dimensions of care, in alignment with contemporary relevance. Participants conducted observations of infants in their home environments as well as in early childhood education settings. The research is fundamentally informed by the significant contributions of Silvia Bleichmar regarding the foundational movements of psychic development, alongside Freudian theory concerning the state of helplessness at the beginning of life. It is essential to reflect on the origin of the subject, for it is insufficient to simply be born to experience a meaningful existence. This study seeks to articulate reflections that underscore the complexity and critical nature of the essential interaction between the infant and the caregiver, which facilitates specific actions through humanizing functions that arise within the context of intersubjectivity. Such interactions establish enduring impressions of satisfaction, thus initiating the development of the future subject's sexuality and effectively organizing their psychic structure

Keywords: Intersubjectivity. Psychic constitution. Caregiver-baby relationship. Sexuality.

Resumen: El presente trabajo se originó a partir de un estudio grupal, buscando profundizar en el tema de la constitución psíquica en sus diferentes formas de cuidado, conforme propone la contemporaneidad. Para eso, algunos participantes realizaron la observación de bebés en sus casas y otros en escuelas de educación infantil. La pesquisa tuvo como punto de partida la fuerte referencia de los estudios de Silvia Bleichmar sobre los movimientos fundantes del psiquismo, bien como la teoría Freudiana sobre el desamparo del comienzo de la vida. Así, reflexionamos sobre el origen del sujeto, y, pensando que no basta nacer para vivir, el intuito es traer reflexiones que promuevan una aproximación de la complejidad e importancia del imprescindible encuentro del bebé con el otro, que promueve acciones específicas a través de las funciones humanizantes que se dan en la intersubjetividad. A través de estos encuentros, se establecen signos de satisfacción, inaugurando así la sexualidad del sujeto del futuro y organizando el psiquismo.

Palabras clave: Intersubjetividad. Constitución psíquica. Relación cuidadores-bebês. Sexualidad.

Chegamos ao século XXI com mudanças socioculturais. O núcleo familiar necessitou expandir os cuidados primários para além dos seus muros. A atividade laboral, com suas exigências de dedicação e tempo, faz com que as famílias recorram a babás e espaços institucionais — como as creches e ambientes de educação infantil — desde muito cedo no suporte aos bebês. Logo, nos convoca a pensar quais efeitos na constituição do psiquismo as mudanças na cultura pós-moderna, do amparo em diferentes espaços, podem gerar no bebê — este sujeito do porvir.

Freud, em *Projeto para uma psicologia científica* (1996a, p. 379), nos diz que “o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte dos motivos morais”. Assim, o autor nos convida a refletir sobre as dinâmicas que se dão a partir do desamparo, afirmando ser no encontro com o outro — cuidador — que a motivação ao sujeito do porvir está. Sílvia Bleichmar, em *A fundação do inconsciente* (1994), nos aponta que, embora a subjetividade passe por alterações, justamente por ser um produto histórico, a constituição e a organização psíquicas se

mantêm com premissas invariantes. A autora parte do pressuposto de que o inconsciente não está dado desde as origens, mas é um produto do encontro com os cuidadores primordiais (semelhantes), fundando a sexualidade e a díade prazer/desprazer. Além disso, traz a ideia de que são as funções sexualizantes e narcisizantes de quem cuida as premissas iniciais para a estruturação dos sistemas psíquicos da criança.

O presente trabalho é o produto de um estudo semanal iniciado em agosto de 2023 por este grupo de profissionais identificadas com a psicanálise, ampliando as possibilidades de escuta, de pensamentos e de questionamentos acerca de como se dá a constituição psíquica na cultura da atualidade. As observações ocorreram de forma semanal, com duração de uma hora. Os bebês observados apresentam uma média de idade de 30 dias a dois anos. Seguindo o método de Esther Bick de observação de bebês, buscamos ampliar a compreensão dos movimentos da cultura contemporânea ao cuidar dos bebês em sua constituição psíquica, bem como dos efeitos transferenciais presentes nessa experiência.

A importância do método proposto por Bick (1964) está na possibilidade de ampliar a compreensão dos movimentos que se dão nos primeiros tempos da constituição de um aparelho psíquico, no que tange à intersubjetividade e ao intrapsíquico. A abstinência faz parte da técnica utilizada nesse método, em que os observadores se colocam no interior do contexto familiar e/ou escolar, vivenciando os impactos emocionais, porém sem desempenhar os papéis que possam lhes ser demandados. Freud (1996b), em *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*, descreve que precisamos escutar a partir da atenção flutuante, sem destacar previamente qualquer elemento apresentado a partir de suas próprias expectativas; Freud refere-se à clínica, porém. Nessa mesma perspectiva encontra-se o método de Bick, em que o pesquisador observa sem realizar anotações durante a atividade, de forma análoga ao exercício clínico. É parte do método ocorrer semanalmente o relato ao grupo das observações e percepções vivenciadas pelo observador no encontro com o bebê e seus cuidadores. A partir dessas narrativas, produzidas a posteriori, os integrantes compartilham suas perspectivas e efeitos transferenciais, sendo assim possível aprofundar as discussões teóricas.

Buscamos em Freud (1996a) o entendimento sobre os destinos das intensidades no aparelho psíquico em constituição. Conforme o autor, do ponto de vista econômico, os processos psíquicos são ativados por quantidades de energia e intensidade. A vivência do nascimento de um bebê é permeada por um estado de completo desamparo. Esse desamparo nos convida a ponderar sobre como se desenvolve a trama da constituição de um sujeito psíquico. Primeiramente, há demandas autoconservativas a serem atendidas, como, por exemplo, a fome, demonstrada através do choro ou outras expressões que o bebê consiga expressar, possibilitando a comunicação com o mundo externo e um adulto em cena. Este adulto precisa reconhecer urgências e, junto a isso, direcionar o seu investimento e olhar. Através do seu próprio narcisismo, o adulto inaugura o psiquismo do bebê, permeado por investimentos libidinais que se inscrevem. Portanto, um “plus” do que anteriormente era apenas alívio de tensões orgânicas instaura, assim, a pulsão e a sexualidade (Bleichmar, 1994).

Sendo assim, além do autoconservativo, o que complexifica a circulação de energia no aparelho psíquico é o colo, o cheiro, a voz e o toque do outro; através da sensorialidade cria-se a possibilidade de o humano ser animado. Isso significa que a necessidade do alimento que convoca o outro produz uma ação específica e a experiência de satisfação, imprimindo a sexualidade. Entretanto, para que esse movimento parental ocorra, é imprescindível que as quantidades de energia acumuladas no bebê sejam utilizadas com o objetivo de comunicar ao outro aquilo de que precisa, uma comunicação que, num primeiro momento, ocorre especialmente através do choro. Dessa forma, o desconforto do bebê é o que convoca a ação específica do adulto em cena (Freud, 1996a).

A convocatória concebida por Freud é aprofundada por Silvia Bleichmar (1994), que segue esse raciocínio ao argumentar que esse tempo inaugural também é constituído a partir do narcisismo e da sexualidade do cuidador. E a libido desligada — quantidade de energia

que ingressa no psiquismo incipiente do bebê — será ligada através das vias colaterais que são geradas a partir do narcisismo proporcionado por um vínculo amoroso.

A fala e os movimentos da mãe ou cuidador, enquanto ação específica para Freud (1996a) e investimento narcísico para Bleichmar (1994), são o que permite que o choro ou o grito tenham sentido e não sejam apenas ruídos, convocando o movimento de cuidado do adulto em cena. Logo, é uma ação que possibilita a criação de representações para o bebê, que futuramente buscará o objeto desejado, a fim de seguir vivendo. A partir dessas vivências, são possibilitadas as experiências de satisfação. Assim, fica catexizada a inscrição da imagem do objeto que satisfaz. As primeiras inscrições da fantasmática do bebê marcam, mas ainda não estão colocadas em palavras. É o outro que nomeia, pois as inscrições se estruturam a partir desta comunicação, esse outro com o seu aparelho psíquico clivado entre sistemas e que possui, conforme Bleichmar (1994), representações egoico-narcísicas que lhe permitem ver seu bebê como um todo. Em uma das observações realizadas por uma componente do grupo, na casa da família, a bebê, que chamaremos de Alice, com um mês de idade, faz uma expressão que sugere um sorriso enquanto boceja, o que provoca um riso na mãe, que nomeia: “Será que foi uma tentativa de sorriso? Um sorriso sem jeito... sorriso com bocejo”. Isso nos faz pensar que é essa nomeação de um sorriso que ainda não é que fará o bebê, em resposta ao que fora expressado pela mãe, sorrir de fato.

Portanto, de acordo com Bleichmar (1994, p. 23), é no encontro do recém-nascido com o outro humano da ação específica, dos cuidados autoconservativos e do narcisismo, que o infante é inundado por uma quantidade de energia da ordem do sexual, e, quando não houver entraves, deságua na atividade autoerótica do bebê. E a possibilidade de que essa energia somática se transforme em psíquica é consequência da existência de um comutador: “O comutador está no movimento que leva a que, na busca do nutrição, o bebê encontre-se com o seio — objeto sexual inicial, na medida em que é oferecido pelo outro humano provido de inconsciente”. À vista disto, é este outro adulto que imprime uma marca da sexualidade.

Foi possível perceber tais movimentos fundantes em uma das observações do grupo, em que o infante busca o seu próprio corpo ou o do adulto para satisfazer a oralidade, ou seja: o que é do autoconservativo, em um primeiro momento, passa a ser da ordem sexual, do autoerotismo e da satisfação e, portanto, uma expressão ativa do bebê. A pequena Alice, com dois meses de idade, está sob os cuidados atentos de sua mãe. Em uma dada altura, o bico escorrega de sua boca e ela emite um som, que a mãe interpreta como uma reclamação. A mãe prontamente o devolve, e Alice para de gemer, voltando a dormir tranquilamente. Em outras ocasiões, quando a bebê chora, a mãe suavemente coloca o bico em sua boca, a embala nos braços e murmura palavras de conforto. O som da voz materna e o movimento de sugar a acalmam, trazendo-lhe serenidade.

Em outra cena, Alice segue sugando o ar quando o bico escorrega, e, em outra situação, inclusive suga o ombro da mãe. Intrigada, a mãe comenta: “Ué, fome não é! Acabou de mamar, filhota. Hmm... está fazendo força. Vamos esperar”. Permite que a filha continue sugando e, passado algum tempo, Alice interrompe por si só, passando a observar o ambiente ao redor.

Assim, é possível perceber como a experiência de satisfação possibilita que a pulsão seja instaurada — a partir do cuidado e investimento do adulto, da sexualidade impressa, a criança vai à busca do prazer em si mesma, como ao sugar o dedo ou ir ao encontro com o cuidador em cena. A atividade e passividade, propostas por Freud, estão presentes enquanto movimento dos destinos pulsionais. É na riqueza desses detalhes que vão acontecendo que o grupo pôde observar a vivência de satisfação na troca amorosa mãe-bebê, exemplificando a complexidade da função materna, pois “quando a mãe estrutura um filho, ela estrutura com um duplo sistema de desejos e de proibições, narcisista e de fantasmas, o qual está dividido em seu próprio aparato e em conflito” (Bleichmar, 2010, p. 47). Assim, é através da relação

da mãe com sua própria sexualidade e da relação que ela estabelece de maneira inconsciente com o corpo do seu filho que a humanização tem origem.

Silvia Bleichmar (2010) propõe que a origem da humanização pode ser dividida em duas partes: sexualidade e prazer e, por outro lado, a angústia. À medida que a mãe apazigua o autoconservativo, ela introduz a sexualidade no filho, ou seja, ela excita. No entanto, também acalma e organiza o bebê no tempo e no espaço — este é o paradoxo do vínculo materno.

Em mais um momento de observação do grupo, na residência de outra família, o bebê de cerca de dez meses enxerga a mãe e estende os braços; a mãe prontamente oferece o seio à criança, mas não sem antes dizer: “Vamos lá, vamos lá! Eu sei que tu quer mamar, espera um pouquinho”. Esse movimento acontece com frequência durante as observações e, assim, percebe-se que a fala da mãe produz um efeito na criança, que parece excitar-se na medida em que ouve a urgência do adulto. Já a figura paterna parece buscar outros caminhos, principalmente na ausência da mãe, oferecendo outras formas de satisfação que não o seio ao bebê. Assim, podemos pensar as possibilidades de vias colaterais, quando mais de um personagem entra em cena.

Retomamos, através das observações, que os cuidados primordiais vão além da figura materna. Bleichmar (2010) discorre uma correlação entre a função materna como função de contenção, de *holding*, enquanto a função paterna seria o estabelecimento de regras. Em uma das observações chamou-nos a atenção a importância da presença do pai, enquanto um terceiro, nos cuidados, em que a mãe dizia ser difícil ver a criança crescer, por vezes mantendo o bebê no seio ou dormindo em sua cama, enquanto o pai já reconhecia a possibilidade de o bebê criar outros recursos para lidar com suas angústias para além do seio materno, propondo brincadeiras no chão, por exemplo. Com isso, não estamos nos referindo à presença necessária da figura real do pai, como na família heteronormativa, mas sim à importância da pluralidade dos vínculos.

Considera-se relevante trazermos à luz o conceito de identificação, em que Bleichmar (2010) retoma Freud ao discorrer que os primeiros modelos surgem a partir da “identificação primária da mãe, que dará origem à constituição do eu”. A respeito da identificação com o pai ou figura terciária, define-a como a origem da consciência moral, do superego e do ideal do eu. Desse modo, para a autora (Bleichmar, 2005), as representações internas que se constituem em cada sujeito são resultado de um processo de identificação; portanto, esta é inevitável. Freud (1996b, p. 109) postula a identificação como “expressão primária de uma ligação afetiva com outra pessoa”.

Esclarecer-se-á que o uso dos termos “mãe” e “pai” vai além das concepções comuns, considerando que Bleichmar não se remete a uma questão de gênero ou laço consanguíneo, e sim de funções que humanizam o sujeito — funções sexualizantes e narcisizantes —, conforme referido acima. Afirmamos, portanto, a importância desses encontros na constituição psíquica do sujeito, sendo o investimento afetivo e a posição assimétrica que possibilitam que as identificações se deem, o que de fato é essencial para a construção do sujeito.

Seguindo nessa importante discussão, Iaconelli (2023) compreende que o amparo inicial à vida vai além das funções materna e paterna ou funções parentais. Assim, a autora discorre sobre o uso de “funções constituintes da subjetividade”:

Quem pode exercer as funções? Pais, mães, demais parentes, cuidadores/as profissionais (educadores de serviços de acolhimento institucional, por exemplo). Mas não se trata de uma tarefa eventual, pois implica uma relação com profundo investimento afetivo, de responsabilização pela criança e que requer continuidade no tempo e comprometimento afetivo de quem cuida (Iaconelli, 2023, p. 189).

Portanto, há desafios que se colocam quanto a essas funções, pois é imprescindível que haja entrega afetiva por parte do(s) cuidador(es), responsabilização e tempo. Há escolhas dos cuidadores primordiais quanto ao tempo e formas de cuidar, além das tantas demandas da contemporaneidade. Porém, ampliando a rede de pessoas que exercem esses cuidados, percebe-se que a complexidade também se amplia, especialmente quando o bebê vai à instituição escolar.

Debruçamo-nos sobre um material não utilizado comumente, mas com rico conteúdo, intitulado *Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar* (Freud, 1969, p. 256), em que Freud relembra o sentimento de ser estudante, recordando que, assim como seus colegas, sentia-se influenciado por seus professores. Ainda, o autor salienta o poder das relações e como o outro pode servir de modelo, conforme a passagem a seguir: "...estudávamos seus caracteres e sobre estes formávamos ou deformávamos os nossos... bisbilhotávamos suas pequenas fraquezas e orgulhávamo-nos de sua excelência, seu conhecimento e sua justiça".

Ainda, Freud (1969, p. 257) explicita que os professores são figuras substitutas dos primeiros objetos de seus sentimentos, que são seus pais, irmãos e cuidadores, uma espécie de herança emocional, visto que "todas as escolhas posteriores de amizade e amor seguem a base das lembranças deixadas por esses primeiros protótipos". Dessa forma, a reflexão aqui é sobre como esses protótipos se dão nos espaços de educação infantil, quando os bebês estão sendo acolhidos no ambiente escolar, justamente no momento em que estão ocorrendo as primeiras inscrições, sendo elas fundantes do psiquismo e da subjetividade.

Sob essa ótica, refletimos a partir da experiência de observação dos bebês na creche, pensando a forma como a instituição oportuniza os necessários enlaces afetivos para as dinâmicas da constituição psíquica. Questionamo-nos acerca de como a educação infantil irá manter esse fio do que está em processo de inscrição e montagem do psiquismo de um bebê. Assim, faz-se importante lembrar que as pessoas que estão na escola fazem parte do processo de identificação, pois as crianças se ligam a estes cuidadores e criam novas representações através deles. Em uma observação na creche, uma das bebês, quando colocada na cadeira de alimentação, começa a se balançar, e o colega ao lado a imita. Logo, os outros entram nessa brincadeira. Então, um deles começa a levantar e baixar a mesa da sua cadeira de comer, emitindo um barulho que tem um ritmo, uma música. Em segundos, todos os bebês já estão nessa brincadeira prazerosa.

O grupo se sensibilizou ao observar no berçário de outra educação infantil a seguinte cena: "Um bebê de pouco mais de um ano, ao ver uma outra bebê menor chorando, caminha até ela, e coloca em sua boca o bico que estava pendurado na sua roupa. Instantaneamente, a menina para de chorar e começa a sugar a sua chupeta". Através dessa cena, observamos que há inscrições de cuidado no psiquismo do primeiro bebê, que se movimenta na direção de ofertar o que pode satisfazer sua pequena colega. Bleichmar (1994) pontua que o bico difere, por exemplo, do dedo da criança, que faz parte do próprio corpo e está sempre acessível. Em tal medida, ao mesmo tempo que é um objeto autoerótico, apresenta características de um objeto externo, podendo ser perdido e reencontrado, sendo, como cita a autora, um "antecessor importante do objeto transicional".

Quando os bebês estão na educação infantil, nesse tempo de constituição, esse processo não se dá apenas na relação amorosa com os cuidadores primordiais, pois o cuidador/professor também ocupa essa função, e percebemos, através da cena descrita acima, que os pares também têm sua contribuição. Ou seja, ampliam-se as formas de relação subjetiva com cada bebê e seus cuidadores, sejam eles figuras parentais, familiares, babás ou funcionários de uma instituição escolar. Refletimos que, em todos os âmbitos, existirão dinâmicas subjetivas necessárias de referências de cuidado e de um ritmo que pressupõe inaugurar a presença simbólica do outro.

Nesses espaços coletivos, ocorre um registro social no psiquismo da criança, pois ela

vai se desenvolvendo através do contato com seus pares e de outros cuidadores que não seus familiares. Esses cuidadores deixam marcas, fazendo parte da construção de sua subjetividade e organização psíquica, influenciando a formação do sujeito. Dessa forma, a escola promove a humanização extramuros familiares. Logo, refletir o lugar das crianças na cultura é, sobretudo, compreender que a subjetividade dos infantes carrega uma marca social, também produto do ambiente escolar.

Diante disso, Oliveira, Donelli e Charczuk (2020) pontuam que o principal papel da família é desenvolver um lugar simbólico onde os bebês possam surgir como sujeitos. Educadoras e demais pessoas que se ocupam dos cuidados e educação da criança pequena também têm um papel subjetivador no desenvolvimento do infante, possibilitando à escola continuar praticando funções psíquicas, antes apenas vivenciadas no âmbito familiar. A autora salienta que o laço educadora-bebê necessita de uma disponibilidade inconsciente e de investimento libidinal da dupla, assim como quando na família. Dessa forma, torna-se importante dar atenção ao modo como o trabalho das educadoras da educação infantil vem sendo desenvolvido e, principalmente, qual a condição subjetivante presente no discurso que sustenta sua prática.

Assim, percebemos o investimento amoroso dos cuidadores que buscam assegurar o reconhecimento da singularidade dos bebês. Na observação em uma dinâmica familiar, a cuidadora dizia para o bebê de um mês: “A tua calça está muito pra cima, e tu não gosta assim, né, filha?”. Na escola, as cuidadoras: “Eu sei que tu gosta de mamar em silêncio”, “Eu dei o meu rim por essa banana! Ela só come banana, e hoje não é o dia da banana”, “Pode trazer o teu brinquedo para trocarmos a fralda”. Nesses exemplos, o bebê está sendo reconhecido em sua singularidade pelo outro que possui a capacidade de reconhecimento da alteridade.

As cuidadoras de uma das instituições em que foi realizada a observação relatam que diversos bebês chegam “sem rotina” na escola; ou seja, para esses bebês, é a escola que organiza essa constância necessária para que o bebê se estruture psiquicamente: “Esse aqui está dormindo tão tranquilo. A gente deu um banho nele antes de dormir. Um banho bem quentinho, aí ele relaxou. Ontem a gente conseguiu ir para a pracinha, eles suaram bastante e ele estava com uma calça bem justa. Aí hoje ele chegou com a mesma roupa, todo sujinho e bem resfriado. De manhã o nariz não parava e depois do banho parece que ele virou outra criança”. “Vamos colocar mais roupa, que esfriou e tu está com pouca roupa depois do banho.” Com o bebê no colo, ela abraça, beija e o leva para comer fruta.

Esse outro que despende os cuidados, que auxilia o sujeito do porvir a se organizar, é um sujeito constituído por sexualidade, portanto, possui desejos juntamente com sua condição egoica. Refletimos que a escola é apoio na cultura contemporânea para as famílias, propondo-se, para além do tempo em que o bebê está em casa, uma rotina para o sono, para o lanche, troca de fraldas, brincadeiras. Pensamos, por outro lado, que no espaço coletivo/institucional, no qual vários bebês são cuidados ao mesmo tempo e onde existem regras institucionais, a manutenção do autoconservativo, em alguns momentos, pode ser o que prevalece na dinâmica. Afinal, para que todos os bebês sejam alimentados antes que o lanche seja retirado da sala (uma regra observada), as professoras angustiadas, muitas vezes, acordam os bebês oferecendo a mamadeira, ou os colocam sentados, ainda sonolentos, nas cadeiras de alimentação para comerem no tempo coletivo. Além disso, também observamos que algumas experiências acabam sendo restringidas. Por exemplo, um bebê que brinca com a fruta não ganha mais, pois “só fez sujeira”, aos olhos das cuidadoras que precisam dar conta de mais de dez bebês ao mesmo tempo.

Dessa maneira, levantamos um ponto de tensionamento: o cuidado com a primeira infância, ao surgir como ofício laboral — quando um profissional está cuidando dos primórdios da constituição do sujeito e desempenha essa atividade para o seu sustento —, manter o desejo de cuidar em cena pode ser um desafio. Portanto, é importante que possamos estar atentos às marcas subjetivantes que se dão para além da família, tendo em vista que “estas

funções se multiplicam e se diluem nos diferentes personagens que fazem parte do cotidiano da criança” (Ferrari et al., 2012, p. 93).

Sendo assim, criar uma criança ou participar de sua criação é um ato político, visto que se contribui para o desenvolvimento de um novo ser no mundo. Imprime-se no pequeno infante muito do que foi inscrito no sujeito que exerce os cuidados primordiais, e assim vão se construindo as identificações e os traços culturais. Bleichmar (2005) salienta a diferença entre praticar uma ação política e ter informações necessárias para experienciar da forma mais consciente este ato. No que tange ao viver, a autora acredita que a sociedade está carente de reflexão acerca das condições humanas que o amparam. Assim, esperamos que esse texto contribua nesta direção.

Conforme vimos, os cuidadores profissionais desempenham papel crucial na organização psíquica da criança. É importante considerar, de forma a permitir que laços afetivos entre bebês e seus cuidadores/babás sejam constituídos, que esse cuidado não pode se limitar tão somente a uma rotina de tarefas, tendo em vista que a qualidade dessas relações impacta a constituição psíquica e a construção subjetiva da criança. Refletimos, embora não seja o propósito deste estudo, sobre as condições de trabalho desafiadoras, como salários e carga horária — situações que reverberam na disponibilidade/atenção do cuidado que os bebês recebem. A relação entre crianças, pais e cuidadores em tal sistema é complexa, carregada de implicações psíquicas, sociais e econômicas significativas. Poderíamos também ponderar sobre a qualidade e quantidade do tempo que os pais conseguem dispensar aos bebês quando a cultura capitalista lhes cobra o trabalho intenso.

Tais questões exigem que a sociedade, de modo responsável, esteja implicada com os modos como se organiza para os cuidados fundamentais com o início da vida. Assim sendo, citando Iaconelli (2023, p. 54): “A criança é uma questão que concerne a todos”. Posto isso, através dos diversos formatos de observação, seja no ambiente familiar ou dentro da escola, compreendemos a complexidade e a singularidade que diz da constituição de um sujeito psíquico. A organização subjetiva funda a capacidade de amar e o encontro de um outro, o que se dá nos movimentos intersubjetivos. Entendemos que, para além da manutenção de um núcleo familiar, pôde-se pensar e observar a criação de vínculos em que um adulto consegue olhar para esses bebês em diversos contextos sociais, em que o imprescindível compartilhamento afetivo e o desejo estejam em cena.

Conforme Silvia Bleichmar: “O outro está inscrito em nós, e isto é inevitável” (2005, p. 20), sendo inclusive condição para que o sujeito se instaure e possa se organizar psiquicamente. A partir do nascimento e do desamparo do início da vida, o outro é convocado a cuidar e, com isso, as tramas que o encontro possibilita viabilizam que o bebê se humanize.

REFERÊNCIAS

- BICK, Esther. Trabalho apresentado na Sociedade Psicanalítica Britânica em julho de 1963. *The International Journal of Psychoanalysis*, v. 45, n. 4, 1964.
- BLEICHMAR, Silvia. *La subjetividad en riesgo*. Buenos Aires: Topía, 2005.
- BLEICHMAR, Silvia. Primeiras inscrições, primeiras ligações. In: BLEICHMAR, Silvia (Org.). *A fundação do inconsciente: destinos de pulsão, destinos do sujeito*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 9-45.
- BLEICHMAR, Silvia. *Psicoanálisis extramuros*. Puesta a prueba frente a lo traumático. Buenos Aires: Entreideas, 2010.
- FERRARI, Andrea Gabriela; SILVA, Milena da Rosa; DONELLI, Tagma Schneider. A criança e seus pais: alguns interrogantes sobre as funções parentais na atualidade. *Revista aSEPHallus*, Rio de Janeiro, vol. VII, n. 14, maio a out. 2012. Disponível em: www.isepol.com/asephallus.
- FREUD, Sigmund. *Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 281-288. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 13).

FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica. In: FREUD, Sigmund. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. p. 333-443. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 1).

FREUD, Sigmund. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: FREUD, Sigmund. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. p. 125-133. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 12).

IACONELLI, Vera. *Manifesto antimaternalista: psicanálise e políticas da reprodução*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

OLIVEIRA, Marcia Aparecida; DONELLI, Tagma Marina Schneider; CHARCZUK, Simone Bicca. Cuidar e educar: o sujeito em constituição e o papel do educador. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 24, p. e213679, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392020213679>.

Artigo enviado: 14 de fevereiro de 2025

Artigo aceito: 25 de fevereiro de 2025